



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envió termé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

28 de Março de 1998 • Ano LV - N.º 1410
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe da Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788888 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Africa

As maravilhosas praias de Benguela

AFINAL consegui coragem para afrontar a suspensão da nossa «Pégaso», de 10 toneladas, sobre os buracos da estrada em série ininterrupta — o que não dá para escolher nem fugir deles — e lá fui até à Kaotinha onde os rapazes se divertem, cada manhã de domingo, em pescarias e mergulhos nas águas mornas e serenas destas maravilhosas praias de Benguela. Tudo aqui nos desperta para o contraste entre a prodigalidade da Natureza e o que falta ao homem fazer para beneficiar dela!

Levei papel e caneta. Esperei que a imensidão do oceano me inspirasse... E acabei por fazer também a minha exploração no terreno, em volta de uma casa abandonada num alto de falésia, a qual, com um jeitinho, permitiria aos rapazes um lugar de apoio onde a Comunidade, dividida em grupos, pudesse passar uns dias das férias escolares — distinguindo assim melhor os tempos de lazer dos de trabalho em Casa.

Talvez por este sonhar para eles em que ocupe aquelas horas, tenha ganho a surpresa do jantar: uma garopinha frita, plena de frescura, que um deles pescou e me ofereceu. O que ele não sabia era que a sua saborosa oferta me vinha lembrar pecados velhos de há vinte a trinta anos atrás, quando todas as



manhãs se ia às pescarias por peixe da faina dessa noite e as garopas e o peixe-espada e outras espécies... eram uma tentação!

Há fomes que impressionam ainda mais do que a do pão

TERÇA-FEIRA de Carnaval. Depois do almoço a «Pégaso» lá foi com os cento e quarenta rapazes, hoje não à Kaota, mas a uma praia mais perto na entrada da cidade. O cronista e eu ficámos para a nossa obrigação relativa a O GAIATO.

O que não consigo é pensar. Invadem-me ideias em turbilhão — que nem ideias serão...; mas reacções da sensibilidade ao ambiente que nos cerca.

Releio o que Padre Manuel escreveu no Jornal de 31 de Janeiro e experimento-o na carne: «*Nos últimos dias tenho sentido uma pressão maior de famintos*». E há fomes que impressionam ainda mais que a do pão, por exemplo, a do sabão e da água. Todas as manhãs quando saímos de casa, tudo quanto pingue uma gota dela já é local de ajuntamento das pessoas que vivem em volta. Um homem, para além da meia idade, trôpego

pela doença e pela fome, aponta a roupa suja e pede, sôfrego, um bocadinho de sabão. E já fui por ele ao Lobito duas vezes e só à segunda arranjei algum, de fraca qualidade e por preço de ouro. Agora é o feijão que não veio, como é costume, na remessa mensal da PAM e não sei onde o encontrar. Um dos nossos rapazes da primeira geração desta Casa ficou de procurar e de dizer onde podemos ir por ele. Mas algo que se consegue é por um preço desmedido, fruto da especulação que rege o mercado paralelo. O povo, na verdade, não tem alcance a nada do que é essencial. Na desorganização reinante, a Justiça não tem alicerce possível. São os auxílios humanitários que a vão suprindo, mal por várias razões, a maior das quais, sem dúvida, é a deseducação de um povo que vai enraizando o hábito de viver de expedientes, numa dependência que o não dignifica nem promove.

O círculo vicioso em que se estagna só pode ser rompido por uma organização do trabalho e empreendimentos que ensinem e empreguem e paguem o minimamente necessário à subsistência de cada um, na exigência de uma rendibilidade razoável. Pela normalização do mercado em quantidade e qualidade dos bens indispensáveis, de modo que a norma deixe de ser a exploração corrupta.

Sem isto, permanece, sem se lhe ver o fim, um estado caótico de emergência que conduz à substituição da justiça pelo humanitarismo — desordem esta há tantos anos arrastada que produz uma perigosa confusão, uma criminosa atrofia da vontade e da iniciativa do povo, que também no imediato nos atinge e me tira a capacidade de pensar.

Padre Carlos

Calvário

As rosas murcham

NAQUELA manhã de domingo, ainda escuro, Madalena desloca-se ao sepulcro de Jesus e encontra-o vazio.

Pensando ter atrá de si o jardineiro, pergunta-lhe:

— Senhor, se tu O levaste, diz-me onde O puseste e irei buscá-Lo.

Hoje, ao passar pela cama vazia do Vítor, paraplégico

de quem falei, há tempos, ocorre-me a figura inquieta de Madalena e digo baixinho para o Jardineiro divino:

— Sei que fostes Vós quem o levou. Dizei-me onde o colocastes.

Trouxe-o dum quinteiro, onde as rosas e ele teimavam viver no meio do estrume e do lixo. Reguei-o com carinho e amizade. Parecia mais viçoso e saudável. Irradiava alegria. Repentinamente, murchava e seca.

— Onde o puseste?

Na sala ao lado, poiso os meus olhos noutra cama vazia, a do pequeno Gaspar de olhar vivo e feliz, mas faminto de meiguice na sua invalidez e abandono materno. Aqui, não faço perguntas. Sei Quem o levou e onde o colocou. Era botão a desabrochar que igualmente murchou.

Quando alguns doentes partem, tenho a sensação de roubo que o Senhor faz, mas não. Ele leva simplesmente o que é Seu.

O Senhor é ciumento. Parece não suportar que alguém tente amar mais do que Ele. Como se fosse possível!

Tenho procurado acarinhar os doentes às escondidas. Não adianta. Tenho disfarçado. É inútil. Ele

O pequeno Gaspar



Continua na página 3

MALANJE

Outra vez às fontes

— ENTRE. Quem é?... Por vezes, era um Pobre com o seu alforge e cajado. — Oh! Bem. Sente-se aqui. Ainda há caldo — rematava Pai Paulino. Então, todos nos aconchegávamos para dar lugar e o Pobre ficava ao nosso lume e na nossa mesa. Foi há quarenta e sete anos na aldeia mirandesa de Genísio onde fui pároco e vivi na casa e família de Pai Paulino. Vida cristã em plenitude, sem reuniões e palavrado... Não sei se hoje será assim. Ouvi dizer que já não há Pobres de pão, mas, muitos mais de vida sem sentido e longe dos princípios cristãos. É pena.

Quando em 1960 cheguei a Angola encantou-me como num grupo de operários se repartia, com simplicidade, o mesmo naco de pão. Belo!, e gesto nascido nas catacumbas. Depois, numa sanzala, um casal morreu de desastre. No fim do óbito vi, com surpresa e alegria!, o tio materno mais velho levar os sobrinhos para sua casa e estes o tratarem por pai. Vem no Evangelho. Não foi preciso reunião de família. Simples como as palavras do Senhor.

É assim hoje? A guerra com suas carências feriu a tradição. Feriu, somente... Na maior parte dos casos quando o tio tem — o que tem é de todos, sem distinção entre os filhos e sobrinhos. Belo com os lagos claros no sopé das montanhas! Cristianismo é vida que nem sempre as romarias e andores escandalosos traduzem... Muito longe! Outra vez às fontes e ao repartir do pão, lá no escuro das catacumbas.

Padre Telmo

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DIÁRIO DOS POBRES

— Reduzido. Incompleto. Cujas nuances respeitam a privacidade.

Seguímos a caminho dum trabalhador rural por uma ajuda ao seu desconto mensal da taxa social única, com a qual nos comprometemos, há anos. Adoptamos este critério em casos pontuais, valiosos de todos os pontos de vista.

— Não s'aflijam! Durante o mês fui aliviado com um trabalho que fiz.

Bendito seja Deus!

Mais acima, é aquele homem com prótese num braço que, pela ação dum vicentino, tem ocupação adequada em um estabelecimento de formação para deficientes. Feliz! Está no seu lugar.

Depois, somos abordados por quem precisaria d'algo para uma botija de gás. Os matizes e floreados do vestuário identificam a pobre mulher. Não atirámos pedras. Mas, infelizmente, o clã aumenta com a libertinagem da sociedade de consumo; e não só.

Ficaríamos por aqui. Toda-via, antes de chegarmos a casa, surge um pai aflito, com voz entupida, já sem forças para desabafar!

De facto, às vezes temos necessidade de saber escutar melhor, para compreendermos melhor ainda a psicologia, a espiritualidade desta gente simples.

— Estamos numa situação delicada, pois cortaram o subsídio do meu filho, doente com sida.

Toma fôlego e continua:

— Com as mudanças q'houve..., agora é diariamente tratado no Porto. Para pior. É transporte, alimentação... Não posso mais!

Um grito d'alarme!

PARTILHA — A procissão começa com presenças habituais: A «avó dos cinco netinhos» traz «pequena lembrança relativa ao mês de Fevereiro». Assinante 9790 percorre uma «oração por intenção particular». Idem, assinante 42971, de Ovar, «para os Pobres mais necessitados». Cheque da assinante 7769 «destinado aos mais carenciados». Outro, do casal assinante 19148: «Penitência Quaresmal que gostaria fosse aplicada em produtos farmacêuticos destinados aos irmãos mais pobres». Imploramos ao nosso Deus — pelo Pai Américo — alívio para sua esposa.

Mais presenças de sempre: Dez mil, da assinante 14493, do Porto. Quatro, da assinante 31254, de Fiães: «migalhinha para juntar a outras». Idem, da assinante 57002, Senhora da Hora. Porto, assinante 28053 põe contas d'O GAIATO em dia e «o restante ficará para a

Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Um cheque repolhudo, da assinante 4456, da Covilhã (Serra da Estrela), que, a dado passo, comenta: «Mais um niquinho de generosidade condiz com o Espírito da Quaresma».

Assinante 21104, da Capital: «A leitura d'O GAIATO enraíza cada vez mais, em nós, o desejo que temos de valer ao Próximo». Desafia necessidades, aqui indicadas, e afirma: «Tenho muita pena dos doentes que nem sequer têm medicamentos para se tratarem». Mais oito mil, da assinante 12100 — Alenquer.

A Lili, nossa vizinha, deixa dez mil, que são dela e d'amigas. Porto: o assinante 11676, conhecemo-lo da primeira hora, deixa sempre um cheque bem nutrido «para resolverem problemas dos Pobres» — disse.

Seis mil, do assinante 29285, da Areosa (Rio Tinto). Cinco, para um caso referido por nós outros — nesta coluna; e acrescenta: «Por experiência própria, sei o que é passar por situações difíceis e mesmo dramáticas...» — regista a assinante 57933, do Porto. «Excedente de contas», da assinante 10770, Santo Ovídio — V. N. Gaia. «Para uma necessidade maior», outro resto, com a alma cheia, pela mão da assinante 11531 — Mem Martins. Cheque, do assinante 9157, do Porto, «para atenderem a casos de pobreza e carências de alimentação e medicamentos». Assinante 10701, de Miramar: «Uma pequena gota no mar das necessidades». Idem, do assinante 33888, de Setúbal. Outra vez idem, da assinante 35193, Vila Nova de Gaia.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Associação de Antigos Gaiatos e familiares do Centro

ENCONTRO DE JOVENS EM SINTRA — Não se realizou por terem havido poucas inscrições. Agradecemos a todos quanto se prontificaram a colaborar. Lamentamos a deceção que involuntariamente causámos aos que se inscreveram. E fazemos votos para que, em uma próxima actividade, consigamos despertar maior interesse e obter maior adesão.

PEREGRINAÇÃO — Estamos à espera que nos mandem as inscrições para a peregrinação a Fátima. Aproveitaremos esse dia para conviver e reflectir um pouco na espiritualidade de Fátima.

Gostaríamos que se juntassem, a nós, os elementos das Associações do Norte e de Setúbal, bem como outros antigos gaiatos não associados.

RETALHOS DE VIDA

«Pião»

Eu sou o Jorge Manuel Rodrigues Ferreira, e, aqui, a malta deu-me o nome de «Pião».

Nasci no dia 20 de Dezembro de 1983, na freguesia de Gominhães, concelho de Guimarães, distrito de Braga.

A Casa do Gaiato de Paço de Sousa recebeu-me em 13/11/91.

Antes de ter vindo para a Casa do Gaiato, eu vivia com o meu tio e com o meu irmão. Tinha uma vida muito triste porque a minha mãe fugiu — deixou-nos...!

Não sei quem é o meu pai!

Estou na Casa do Gaiato há 6 anos. Frequento a terceira-classe e gosto de andar na Escola porque quero aprender a ser um homem útil.

Fora das horas de estudo, ajudo na secção da lenha. Ainda não pensei a profissão que hei-de ter quando for grande.



Jorge Manuel

Programa planeado: Dia: 25 de Abril. Transporte: autocarro — se houver inscrições que o justifiquem. Inscrições: tão brevemente quanto possível (*o mais tardar até 31 de Março*). Contactar José Martins, Parque Residencial, Lt. 24, 2.º esq., São Martinho do Bispo, 3040 Coimbra, telef. 039-444082. Horário sujeito a alterações: 10h30, concentração na Cruz Alta; 11h30, visita a «Os Valinhos»; 13h00, almoço (*farnel para quem o levar*); 15h00, celebração da Eucaristia na Capelinha das Aparições; 16h00, tempo livre; 18h00, regresso.

Esperamos contar com o nosso Padre Horácio para nos acompanhar e presidir à Celebração Eucarística. Contamos também com a tua presença e a dos familiares. Um abraço fratemo.

José Martins

PAÇO DE SOUSA

POMAR — Está a ser vedado com rede nova. Assim, os animais ficam também mais resguardados em todo o sentido.

Agora, neste recinto, só nos falta um casal de gaviões e outro de pavões.

BATATA — Estão a ser semeados grandes campos deste tubérculo e esperamos boa colheita.

EXCURSÕES — Recebemos bastantes visitas, de estudo inclusivo.

São muitas as perguntas que nos fazem com toda a liberdade, pois nós somos a Porta Aberta.

PADRE MANUEL — Ainda continua por cá, o que nos dá felicidade. Mas já faltam poucos dias para regressar. No entanto, foram suficientes para descansar e para resolver problemas da nossa Casa do Gaiato de Benguela.

CONTENTORES — Partiu um para Malanje. Seguirá outro para Benguela.

Mais coisas que as nossas Casas necessitam para o dia-a-dia.

AMEIXOEIRAS — Estão a florir. Mais tarde virá o fruto que será consumido por nós. Mas, enquanto não vem, ficamos a olhar para a beleza das árvores.

Rui Manuel

SETÚBAL

VACARIA NOVA — Está a funcionar.

As obras ainda não acabaram, mas ela já dá para lá se meter o gado.

A malta está contente porque, agora, podemos cuidar melhor das nossas vaquinhas com muito menos trabalho.

A vacaria é muito maior, mais bonita e moderna, porque é tudo automático.

Carlos Firmino

QUINTA — Tivemos muito prejuízo!

Como este Inverno foi muito chuvoso, os terrenos ficaram todos alagados.

Perderam-se três hectares de milho e parte das favas e ervilhas já semeadas.

Não pudemos semear a aveia, a ervilhaca e a tremocilha — tudo forragens com que alimentamos o gado no Verão.

Filipe André

HORTA — Semeámos tomate, favas, couves e alho francês.



Agora, é a vez da batata. Os terrenos já estão lavrados e adubados.

Carlos Nascimento

TOJAL

AJUDA — Dois rapazes nossos partiram para África com a intenção de colaborarem em nossas Casas. Um é carpinteiro e o outro, electricista. Agora, começam na Casa do Gaiato de Malanje e, depois, logo se vê. Só nos resta desejar boa sorte para que consigam realizar as suas intenções da melhor maneira possível.

PASSEIO — Alguns pequenos foram, no dia 1, passear à Malveira, ver uma instituição de recuperação do lobo ibérico. Primeiro, dirigiram-se à Casa Mãe do Gradil que lhes ofereceu uma apetitosa merenda. Depois, ao cair da tarde, à Toca do Lobo onde observaram estes audazes animais, o que para muitos foi a primeira vez.

FUTEBOL — Em 24 de Fevereiro realizámos, no nosso campo, um desafio de futebol com pessoas amigas — os Motards de Lisboa. Bastaram poucos minutos para observarmos a diferença entre as equipas. De certa forma, um jogo engracado e também porque calhou na terça-feira de Carnaval. Ganhámos com uma diferença tão grande que ninguém fixou o resultado, tendo alguns rapazes desabafado: — *De motas percebem eles, mas de futebol nem por isso*.

Também no sábado, dia 2, alguns rapazes da Casa do Ardina vieram, à nossa, realizar um encontro de futebol. Foi mais por brincadeira e, de certa forma, tiveram um resto de tarde agradável.

CARNAVAL — Passou mais um! Como era de esperar, houve brincadeira. Umas de bom, outras de mau gosto. Houve mascarados que se exibiram pelas ruas da nossa Aldeia, como manda a tradição.

Arnaldo Santos

BENGUELA

ESCOLA — Foi um ano bom para todos nós, mesmo porque pediu o esforço de todos os que têm a missão de acompanhar estes filhos nos seus estudos diários.

É com grande alegria que vos transmito o transitar dos nossos rapazes que, na sua maioria, passaram de classe; uns da quarta para a quinta, outros da quinta para a sexta, outros ainda da sexta para a

As senhoras das nossas Casas também são mães

Emanhã de segunda-feira. A hora de escrever para O GAIATO, como de costume, quinzenalmente, e quase sempre em cima da hora. A matéria é abundante e rica. O que custa mais é seleccionar, de entre tantos acontecimentos que entretêm o nosso quotidiano, aquele que mais nos tocou e poderá servir de mote.

Encontro no nosso largo, sala de visitas de janelas abertas à Serra da Lousã, entre outros, o Sérgio Raposo. Ele é irmão do Rui, o nosso menino mais pequenino, de quatro anos. Também irmão do Carlos, o mais velho de uma «irmadade» de nove que já vai fazer dezasseste e do Vítor que tem onze. Ele tem dez. Por arrastamento e,



sétima-classe. Enfim, realmente, é uma festa na Casa.

Fica aqui um apelo de voz amiga: — *Estudai para se transformar esta nossa terra que precisa de gente preparada para trabalhar.*

A terminar, lembro a escola nova que passa agora a ser do segundo nível da Casa do Gaiato de Benguela. É, sem dúvida, o grande presente para estes filhos que precisam de ser sempre acompanhados.

Uma escola bonita!

Acácio Tchimucu (Nelito)

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Ao darmos conta das nossas visitas, ficamos em reflexão pelas palavras da *tí* Lina. «Olhe, senhor, venho dar-lhe uma notícia: Hoje, não venho pedir nada. O meu filho morreu. Apa receu morto para aqueles lados de Aveiro. Parece que foi com uma injeção (*overdose*). Nem sei se hei-de ficar triste ou contente.» São palavras de dor e de revolta de uma mãe.

E continuou: «Fui muito feliz na minha casa quando o meu homem era vivo. Depois, morreu o meu filho mais velho, de doença ruim, e ficou este para me desgraçar. Roubava-me tudo e batia-me. Tive que sair de casa para a beira da minha irmã, num barraco, e andar a pedir. Mas, agora, vai ser diferente. Vou voltar para a minha casa. O senhor vai ver».

Ao fim de alguns segundos de silêncio, puxa de um pano, assoa-se, e limpa os olhos. Eu quis saber a causa. Aqui está: «Ele roubou-me tudo». E deu-

-me a direcção. Fiquei triste, ao lembrar-me das palavras do Augusto e da Germana, no fim do ano. Gastamos mais do que recebemos. Nada prometi à *tí* Lina.

CAMPANHA TENHO O SEU POBRE — «Junto uma pequena oferta para os Pobres. Deus vos abençoe sempre e dê força para nunca desanimarem.» Da assinante 7769, dez mil escudos. Assinante 37749, para o casal que vive nos arredores do Porto, vinte mil escudos.

Rua do Godim, mil escudos. Mais mil, dum anônimo, entregues no Lar do Porto. Outro anônimo, no Lar, vinte mil escudos. Mais cem marcos do amigo que está na Alemanha. J. R. D., dois mil escudos. Em vale do correio, três mil escudos, de E. S. Costa. «Meus amigos: leio sempre os vossos desabafos, que me tocam pelas dificuldades de tantos irmãos nossos». Cinco mil escudos, «para o que acharem mais necessário», dum anônimo do Porto. Lisboa com cinco mil escudos para o casal que tem o marido doente.

Dez mil escudos para o senhor que trabalhou na ponte. Mais cinco mil, da assinante 31211, para o casal em dificuldades. Um donativo da nossa avó, de Braga, para os mais necessitados. De M. Marques, dez mil escudos. De Oeiras: «cheque de trinta mil escudos para o operário que andava com uma máquina, nos fundos, a abrir buracos».

Bem haja todos pelas palavras amigas e de encorajamento. É bom sentirmos que não estamos sós.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Adelaide e Zé Alves

MIRANDA DO CORVO

PRIMAVERA — Está logo a chegar! As nossas árvores já têm flores e algumas folhitas.

Os jardins estão muito bonitos. O Pedro Caldas é que anda a arranjar os jardins.

ANIMAIS — Os nossos animais estão bem. A cabra, grávida, dará à luz uma cabrinha pequena, fofo e linda.

AVES — Andamos a construir uma gaiola maior para os periquitos. A outra era pequena e eles não tinham espaço. Os rapazes esqueceram-se e não deram comida e água aos corvos que, por isso, morreram. Coitados!

COSTUREIROS — Temos novos costureiros. São simpáticos, mas com muito trabalho. A sala da costura está cheia de roupa que os nossos Amigos deram. Ainda bem!

NOVOS GAIATOS — Chegaram novos rapazes à Casa porque as mães não têm dinheiro para alimentar os filhos.

OBRAS — Estão quase a acabar. Os calceteiros emperraram a rua. E a nossa Casa fica muito bonita.

ENSAIOS — Os rapazes já ensaiaram para as Festas, que serão em Setembro.

ESCOLA — As aulas correm bem. Mas, os rapazes têm de estudar mais...

Fizemos uma visita de estudo a Lisboa. O quarto ano visitou a Caravela Boa Esperança e o Aquário Vasco da Gama. Adorámos ver os peixes!

Reporter X

em feliz hora, vieram também a Mónica e a Vera que as Irmãs do Bom Pastor acolheram na sua casa de Coimbra. Já lá vão quatro anos.

Pois, o Sérgio. Olho para ele e noto que não tem a cara lavada. Num rosto, em geral, é a primeira coisa que se distingue: se está lavado. Outros traços são conquista do tempo e da confiança. Mando lavar os olhos e, como de costume, a recomendação de se vir mostrar. Quando veio, trouxe uma carteira cheia presa à cintura. Normalmente, o seu pequeno mundo: a fisga, pedaços de pão, berlindes, rodas, pregos, etc. Havia mais alguma coisa que ele se apressa a mostrar: a chave do quartito bem guardada. Ter uma chave é coisa importante e... «*trago a minha mãe*». Sorriso largo e semblante robôizado completaram a descrição do seu

pequeno espólio. Anda tudo rente ao coração! Muito bem protegida a fotografia da sua mãe. A mãe dos tais nove... Já se têm aqui juntado todos, ao domingo. Meigos, simpáticos, felizes. São um hino ao Deus Vivo e Criador que temos a graça de poder apreciar e proteger.

«*Trago a minha mãe...*» Importante esta ligação vital; este grito cavado das profundezas da alma humana! Encontro nesta ausência a raiz de algum vazio, tristeza e insucesso dos nossos. Há dias, apareceu a mãe de um. Vem muito raramente. Desabafou comigo, triste: — *O meu filho quando me viu, tratou-me por senhora...* É assim que eles tratam as senhoras das nossas Casas. — Elas também são mães, esclareci.

Padre João

BENGUELA

Obra da Rua

UMA Maria apaixonada por tão grande Obra» é o nome porque quer ser conhecida. Nesta minha passagem por Portugal a recuperar forças novas, dei conta, mais uma vez, de como a Obra da Rua é amada pelo povo. É riquíssima a seiva que a ela chega de toda a parte. É seiva sempre renovada. À maneira do sangue que corre escondido pelas veias do nosso corpo, assim é a vida que os nossos Leitores e Amigos fazem chegar à Obra da Rua. Quantos segredos que conhecemos e mais ninguém! Segredos que guardamos e nos animam, nos dão força e nos ajudam a acreditar. Afinal, a nossa paixão é a paixão de tantos e de tantas que vão ao nosso lado. Não fosse assim, como seria possível a resurreição de tantas crianças em Portugal, em Angola,

ponto de encontro que é a Obra da Rua. Aqui se encontram os caídos com os que estão de pé; os que têm com os que nada têm; os que têm pouco com os que têm muito. É o espaço da partilha que a todos faz mais humanos e mais felizes. Bendito seja Deus que escolhe os pequenos e os fracos para confundir os fortes e realizar os Seus desígnios! Sim, é a história do grão de mostarda, a mais pequenina das sementes, que se faz grande para acolher as aves do céu.

Dei conta, sim, de como é amada a Obra da Rua. Um dos sinais que atestam a autenticidade da mensagem de Pai Américo é a universalidade do amor por ele vivido e deixado como herança. Não fora assim, como seria possível a resurreição de tantas crianças em Portugal, em Angola,

em Moçambique e onde quer que esteja a Obra da Rua? Obrigado!

Esta nota foi inspirada na carta que recebi, como outras, acompanhada dum cheque abundante — porque «hoje resolvi escrever para enviar uma ajuda para África» — com palavras de muito carinho e estímulo. Retribuirei com o que me pede.

Um momento alto desta passagem foi vivido no lugar do Tojal, em Porto de Mós, onde um casal, que conhece a nossa Obra e muito a ama, movimentou a carga dum contentor de coisas que nos vai ajudar muito. Senti a presença do grão de mostarda, pequenino, com toda a força do amor verdadeiro nele escondido, bem actuante naquele lar. Sei dizer, apenas, obrigado!

Padre Manuel António

CALVÁRIO

Continuação da página 1

conhece os segredos do coração. E quando são rosas encantadoras não perdoa. Como jardineiro atento leva as rosas mais víscosas sem aviso nem previsão.

O Vítor era um rapaz simpático e sempre reconhecido. O pequeno Gaspar, no começo da vida, a todos cativava com o olhar penetrante e o sorriso aberto.

Sou obrigado, na verdade, a pensar muitas vezes na morte. Mas o contacto com ela não dá habituação, nem causa medo ou provoca angústia. Pelo contrário: gera uma vontade enorme de viver e ajudar a viver para que o fim seja apenas um passo mais na caminhada terrena de quem quis viver plenamente. Pois, só quem vive verdadeiramente encontra a Paz no termo da vida.

A doença que tantas vezes prepara ou antecede o fim é momento propício de meditação e ocasião soberana para o doente avaliar a sua própria dimensão e viver sereno com esta; mas oferece também ao doente oportunidade de conhecer a bondade e a dedicação de quem o trata e acarinha. A doença é, assim, momento muito forte de comunhão humana, de vivência humana.

Gostei de ouvir a última palavra do Vítor: — *Obrigado*. Pouco fizemos por ele. Mas grande força transmite essa simples palavra, emanada duma alma generosa que quer deixar os outros em paz. Obrigado lhe ficamos nós pela ocasião que nos deu de o conhecer e ajudar a viver serenamente os seus derradeiros dias e a entregá-lo nas mãos de Deus.

E o pequeno Gaspar, que bem fez ele aos outros doentes que o cobriam de beijos e mimos! Mas o Jardineiro aprecia rosas e, quando bem quer, leva-as para a Casa de Seu Pai.

Padre Baptista

PASSO A PASSO

Pobres

ESTEVE bem colocado socialmente. Frequentou ambientes de luxo em cidade francesa, de onde a esposa era natural. Problemas familiares atiram-no para a valeta e vem procurar em Portugal a paz e a dignidade que de outro modo não alcança. Acrescenta-se a falta de saúde. A reforma devida ao trabalho no país que o acolhera, não vem. O apoio social aqui encontrado, não é suficiente. Por tudo isto vem bater à nossa porta. Cheios de esperança na resolução do problema, dizemos presente.

Outro, em recuperação de desintoxicação, traz os filhos consigo e renda em atraso. Deixara em casa a companheira sem emprego. Recomeçara a trabalhar, mas apesar da ajuda de familiares, o final do mês ainda vem longe. O pão dos filhos não vai faltar e o telhado para os abrigar.

Um outro, de meia-idade, traz na postura e nas palavras a transparência do Pobre. Vai em busca de nova oportunidade em terras africanas. Em anos há muito passados, já percorreu aquelas terras outrora mais desejadas. Quer reconstruir-se, colaborando na construção de jovem país. O calor recebe-o antecipadamente nas mãos, lembrado do peso do *Pão dos Pobres*.

O Pobre é sempre um enigma. Traz consigo a história dos homens trilhada em caminhos de incerteza. A sua própria vida está marcada por uma insegurança permanente. Não sabe o pão que vai comer hoje nem se terá abrigo no repouso. Deposita a sua confiança na própria vida e não possui outros apoios. Avança sempre, não pára, embora muitas vezes fique perto do desespero.

Não usa de estratégias com quem o pode ajudar nem estende a mão ao alheio.

Confia que a vida lhe há-de trazer os meios para debelar a situação de penúria em que se encontra instalado.

O Pobre é um sinal posto no seio da humanidade. Não é um inimigo a abater nem um poluidor da sociedade de bem-estar. É antes um valor de salvação para a mesma sociedade. É um membro sofredor que há-de ser tratado, não pela sua amputação do corpo social mas amorosamente, remediado conforme a sua indigência.

Nunca jamais alguém eliminará da sociedade os problemas que surgem das relações entre os seus membros. Os mais fracos, os melhor intencionados, os mais autênticos sempre estarão mais sujeitos a contrair a doença que esta sociedade tanto quer curar: a pobreza. Mas se é por tudo fazer para alcançar o bem-estar que nela surge este mal-estar!?

Padre Júlio

Património dos Pobres

Como podem viver assim!...

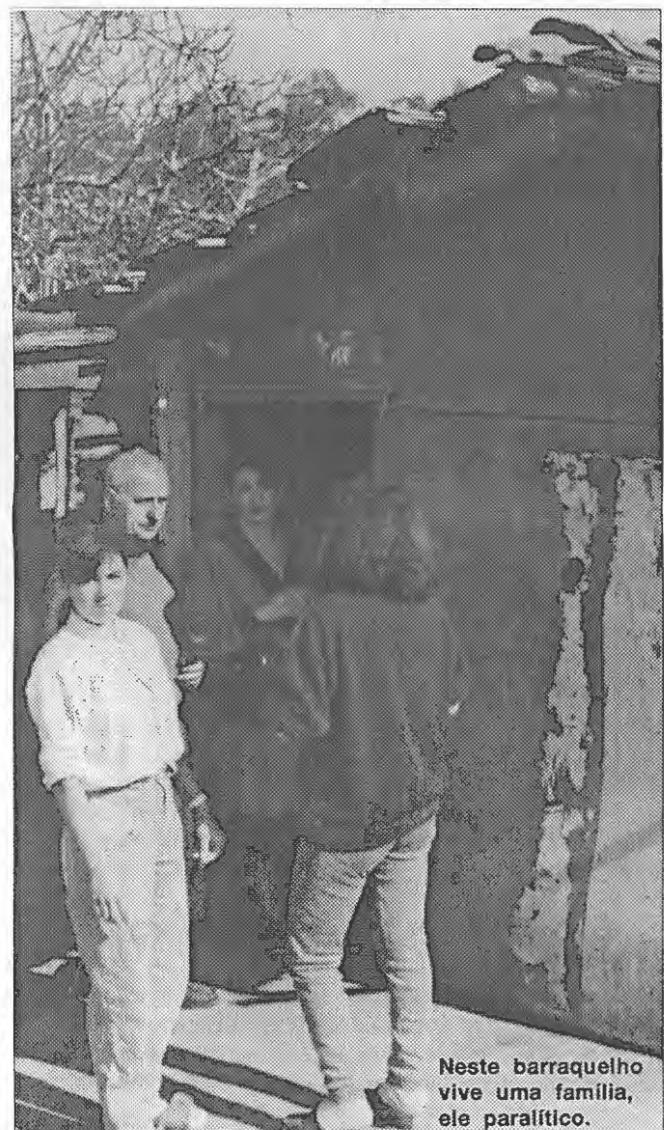
FEZ-ME muito bem ter ido consigo visitar aquelas famílias. Não fazia ideia que se podia viver assim. Umas tábuas pregadas, com muitos bur-

cos e cobertas com chapas velhas e plásticos e assim vivem lá dentro pais e filhos, todos amontoados. Que grande miséria!

Assim se exprimiu o nosso motorista, muito alarmado com tudo o que viu. Vamos com ele dar uma volta e visitar famílias em condições degradantes. Comecemos pela que nos fica mais perto:

«A família do Alfredo é de quatro. Ele tem cinquenta anos, uma pensão de invalidez derivada de uma queda em criança que lhe afectou a coluna e acabou por ficar incapacitado. Receberam em Novembro uma carta do advogado do proprietário dos anexos em que vivem para serem despejados até ao fim do ano. Visitei-os. Os anexos em que vivem não têm as condições mínimas. É humidade a escorrer por paredes, tecto e chão. Para este casal, aquilo que visiono é conseguir que o proprietário abdique do despejo e venda, por baixo valor, os anexos. Penso que com alguma ajuda por fora mais o empréstimo que o casal consiga, dará novo rumo à vida.

A família da Amorosa é uma situação caótica. Tem seis filhos, todos seguidos uns aos outros. Tem geralmente um ou outro filho internado no hospital com pneumonia ou subnutrição.



Neste baraqueiro vive uma família, ele paralítico.

DOUTRINA

A Guerra!



ciosamente junto de quem está e revela:
— A estas horas procurava dormida.
— Aonde? — Nos palheiros... Às vezes vinham cães e mordiam-me nas pernas!

A Obra de hoje vai ser totalmente ocupada com o nosso Pepe, uma vez que a vida dele tem sido objecto das mais fervorosas simpatias. Como já foi dito aqui, não se encontra sinal de família na rua que ele indica em Badajoz como sendo a da sua morada — não. Na Embaixada de Espanha supõe-se que ele deve ter formado nas legiões errantes, a fugir das armas em todas as direcções; e que Badajoz deve ter sido onde foi dar, sem nunca lá ter morado. Revelei eu, na Embaixada, que um dia o surpreendera a cantar uma canção espanhola, sozinho, enquanto ajeitava o curral da vaca. — *Isso é um óptimo índice!*, disseram-me; a letra e a música indicam a Província do rapaz.

MAS o nosso Pepe nunca mais cantou nem canta, a pedido. Mesmo aquele cantar que eu lhe ouvi dentro do curral da vaca — era chorar! Ele é naturalmente triste e medroso. Fica apavorado ao mais pequenino ruído. Deve ter sido testemunha de grandes tragédias: — *Mataram os meus pais!* Nestas noites de muito frio, conta-nos de como se livrava dele: — *Fazia fogueiras nos montes!* E no Entroncamento onde fez larga pausa a dar serventia a maquinistas e fogueiros — «encostava-me às máquinas e assim dormia a noite».

O Pepe não é pessoa que conte a sua vida a ninguém; e menos a conta se lhe perguntarem. Há-de ser como e quando ele quiser, espontaneamente. — *Estive preso*, disse. — Aonde? — *Na Barquinha, até que viessem de Espanha os meus documentos.* Estava com outros homens. Um dia fui à fonte buscar um cántaro de água, deixei-o ficar e fui. Tinham pena de mim e não me agarraram! Quando chega a noite, no fim dos trabalhos, senta-se familiarmente e deli-

(...) **A** Maria leprosa, a sobrevivente do tremendo casarão dos Lázarus, gemeu a falta de roupa quando lhe dei a consoada: — *Dê-me alguma coisa que me tape o frio!* E eu faço minhas as palavras dela. Em uma ala de doentes, o do fundo vive desconsolado: — *Ninguém me visita, meu bom Padre!* E conta a sua história. Eu necessito de alguns mimos para este doente, precisamente porque ninguém o visita. — *Qualquer coisinha que me abra o apetite.* Para doentes assim não aceito coisas das lojas. Hás-de mandar provisões da tua despensa, tirar à boca dos teus filhos que têm tudo, para a deste nosso irmão doente que necessita de tudo e não tem nada.

D. Horácio

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Vivem num casebre escondido onde a lama e o lixo abundam. Seres humanos com vícios de álcool e outros.

Outra situação tremenda é a do filho. Um jovem de dezoito anos, casado, o ano passado foi esfaqueado numa festa. O objecto cortou-lhe a medula e o jovem ficou paralisado da cintura para baixo. Só anda em cadeira de rodas. Ele e a esposa vivem em condições desumanas.

Vamos testemunhar para melhor acreditarmos. A maior parte da nossa sociedade não faz ideia como muitos irmãos têm de viver. Procuram não acreditar. Temos de mostrar a realidade e é isto que procuramos.

Entrámos nos anexos onde vive a família do Alfredo. O acesso, já do portão para dentro, foi aos saltos por cima de água.

Uma família delicada a viver naquele ambiente e com pouca esperança de ter casa.

A família dos seis filhos: Que mistura de pessoas e coisas! Dois compartimentos pequenos albergam todos e tudo. Para chegar ao local onde vivem, seguimos entre muros e os pés, um de cada lado do rego de água a correr, e a lama a rodear, até chegarmos a um montão de roupa suja e abandonada e entrarmos no pardieiro. Lá dentro, um amontoado de coisas. O pardieiro foi emprestado por familiar que procura que eles o abandonem.

Uma família numerosa sem eira nem beira. As crianças rodearam-nos. Os pais pediram que lhes arranjássemos uma casinha. Que desolação!

Seguimos por uma rua estreita e entrámos no pátio da Amorosa. Habitação

muito pequenina. Muita roupa suja estendida ao sol. Os filhos esquivos e medrosos. Pouco ambiente familiar.

A situação do jovem paralizado foi o que mais nos feriu. Ao fundo do quintal dos pais, a pobre barraca onde vivem, ele e a esposa com dezassete anos. Ele deitado no catre e enrolado com um cobertor, num quarto sem luz, mais nos pareceu um ser abandonado. A barraca tem duas pequenas divisões e mais nada. Nem um pobre quartinho de banho. Vivem do nada. Ela não trabalha e não ganha. Ele ainda não tem qualquer subsídio. Deixámos-lhos e sentimo-nos impotentes para lhes valer. Só os Serviços Sociais nos parecem competentes — se tomarem a sério esta situação e as outras também.

Padre Horácio